

INCLUSÃO, FORMAÇÃO DOCENTE E PESQUISA-AÇÃO: ALGUMAS CONCEPÇÕES DOS ALUNOS DE UM PROJETO EXTENSIONISTA

Marco Aurélio Lima dos Santos (1); Rafaela Flávia de Freitas(2); Marco Antonio Melo Franco(3)

Universidade Federal de Ouro Preto - marcoaurelio13op@gmail.com(1); rafafreitas2264@gmail(2).com; mamf.franco@gmail.com(3)

Introdução

A escola como atualmente está organiza e historicamente vem se organizando acaba por se tornar uma instituição muito mais excludente do que inclusiva. Para termos um novo modelo de escola seria necessária uma ruptura de paradigma afim de fazer com que a escola cumpra com seu papel, que é o de proporcionar educação para todos. Conforme Montoan (2003):

“Os sistemas escolares também estão montados a partir de um pensamento que recorta a realidade, que permite dividir os alunos em normais e deficientes, as modalidades de ensino em regular e especial, os professores em especialistas nesta e naquela manifestação das diferenças. A lógica dessa organização é marcada por uma visão determinista, mecanicista, formalista, reducionista, própria do pensamento científico moderno, que ignora o subjetivo, o afetivo, o criador, sem os quais não conseguimos romper com o velho modelo escolar para produzir a reviravolta que a inclusão impõe”. (p.13)

Os professores que atuam na educação regular, se dizem incompetentes para trabalhar com alunos da educação inclusiva, sobretudo, os alunos com deficiência, pois existem professores especializados que atuam restritivamente com esses alunos. Entretanto, conforme Franco e Guerra (2015) é necessário que o cotidiano da prática dialogue com o cotidiano das produções teóricas.

Percebe-se que “[...] no Brasil, a formação de professores segue ainda um modelo inadequado para suprir as necessidade e reivindicações em favor da educação inclusiva. Ou seja, segue um modelo tradicional de formação” (Glat, Senna, Oliveira & Ferreira, 2003). De maneira geral, as licenciaturas não estão preparadas para desempenhar a função de formar professores com uma orientação inclusiva na atuação profissional. Isso é preocupante, pois “[...] os alunos bem ou mal estão sendo incluídos e cada vez mais as salas de aula se diversificam, embora, evidentemente, não no ritmo desejado” (Glat & Pletsch, 2004).

Considerando essa perspectiva, aqui apresentamos o recorte da pesquisa em curso ‘Ações extensionistas e pesquisa-ação em contextos de inclusão: impactos na formação docente inicial e continuada na região dos Inconfidentes’, que tem como foco principal investigar os impactos do projeto extensionista “Inclusão: Práticas pedagógicas, aquisição do sistema de escrita e outras aprendizagens” realizada em algumas escolas públicas nas cidades de Ouro Preto e Mariana, ambas em Minas, na formação dos alunos de graduação da Universidade Federal de Ouro Preto e de professores da Educação Básica. Apresentaremos aqui os resultados referentes à formação dos alunos de graduação a partir das entrevistas realizadas com os mesmo.

Metodologia

A escolha metodológica se fundamenta na abordagem qualitativa a interação do pesquisador com a situação estudada (LUDKE; ANDRÉ, 1986). A pesquisa utilizou como instrumento de coleta de dados a entrevista

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

semiestruturada. As entrevistas foram realizadas com os discentes do curso de pedagogia, que participaram do projeto de extensão supracitado realizado em escolas municipais da Região dos Inconfidentes. As entrevistas foram realizadas com 12 (doze) discentes que participaram do projeto nos anos de 2015 e 2016.

Resultados e discussão

Analisando as entrevistas realizadas com os alunos participantes do projeto extensionista pode-se observar a importância de tais projetos para a formação docente. Isso se reflete na visão que estes alunos passam a ter após entrar em contato com a realidade da inclusão no ambiente escolar. Isso pode ser observado em algumas respostas como a de uma aluna que questiona a organização da matriz curricular e a baixa carga horária dispensada, pelo curso de graduação, para tratar os conteúdos sobre inclusão:

“Ter disciplinas mais voltadas para isso, para preparar, porque a carga horária também é muito pouca para estudar tudo isso, talvez até um estágio”.

Essa fala nos remete à necessidade de se pensar sobre a organização curricular e, se o que as universidades têm oferecido em termos de conteúdo, tem sido significativo para uma formação mais qualificada. Essa perspectiva se reforça na resposta de outra aluna que diz ser necessário ir além do que está no currículo formal pois ele não fornece a base para a atuação: *“não ficar só no que está preso na nossa grade, porque se a gente for olhar, a gente tem pouca base para isso.”*

Outras possibilidades que nos fazem refletir sobre a importância do projeto na formação dos alunos de graduação se materializam nas respostas abaixo:

“Eu acho importante, por exemplo, essa atividade que nós temos na faculdade do projeto dos alunos de pedagogia já terem essa formação, já irem sendo preparados para lidar com os alunos com deficiência”.

“Esse projeto trouxe uma formação à parte, [...]. E eu quis buscar a inclusão em outros espaços sociais e de outras formas como eu não conhecia. Eu tive contato com grupos de interdisciplinares. [...]uma coisa que foi levando a outra e hoje eu acho que eu vou formar ainda levando isso, para qualquer espaço que eu vá trabalhar. A questão da pesquisa, do olhar diferenciado, dos diferentes recursos para diferentes crianças”.

“Uma coisa que eu gostei muito do projeto e que a gente aprendeu ao longo do projeto também, foi saber observar e fazer uma pergunta, o que aquilo quer me dizer? Por que ele fez isso? Eu acho que isso não se deve perguntar apenas para quem tem alguma limitação, alguma deficiência, mas para todos os alunos, porque que eles aprendem? Como que eles aprendem? Então isso acarreta muito na minha formação docente, saber como que o aluno aprende só assim eu vou poder ensinar para eles.”

“Conhecer o sujeito com quem ele está agindo, que é isso que a gente faz no projeto, a gente primeiramente conhece o aluno, conhece o sujeito, também ter muitas outras pesquisas teóricas de ensino e aprendizagem, não só da aprendizagem, não só do ensino, mas dos dois juntos e também poder ter uma bagagem teórica de outros assuntos também, para que possa intervir junto com os alunos, ter conversas, escutar talvez outras experiências de outros alunos, aqui na formação mesmo, a gente tem essa troca de experiências apenas no estágio, pensar, poder ter outras experiências fora disso, não só na pesquisa, não só na extensão, mas ter um estágio mais longo, talvez outras cadeiras que possam proporcionar pra gente isso, eu acho que troca de experiência ajuda muito e ter alguém que possa intervir, um professor, um

mediador como foi no nosso caso no projeto, então a gente escutava o que o mediador falava o orientador e a pessoa que teve essa experiência. Isso me ajudou muito, porque o que a pessoa falava eu trazia para mim, então eu aplicava a onde eu estava atuando.”

A partir dessas falas é possível inferir que a proposta de formação presente no projeto contribui, de alguma maneira, para que alunos da graduação construam um entendimento do processo de inclusão para além da formação formal presente na matriz curricular, para atuarem de maneira mais propícia e com um olhar diferenciado nos aspectos de inclusão no campo da educação especial. A participação prática no cotidiano das escolas da educação básica em muito contribuiu para essa formação.

Conclusão

Diante da literatura pesquisada e das respostas obtidas com os alunos participantes, percebe-se que a escola ainda está distante de ser considerada inclusiva tanto nos aspectos estruturais quanto conceituais. O que mais nos chama a atenção é que nas falas a formação oferecida nos cursos de graduação não conseguem dialogar de fato com a dinâmica das escolas da educação básica e aponta para a necessidade de se pensar novas estratégias que qualifiquem a formação docente inicial. Quanto ao projeto extensionista, nota-se a importância de tais ações para combinar a formação inicial com práticas inovadoras e inclusivas no ambiente escolar. Lembrando que o trabalho entre Instituição de Ensino Superior e escola de educação básica é sempre importante para fomentar o diálogo teoria e prática.

Referências

FRANCO, Marco Antônio Melo; GUERRA, Leonor Bezerra (Orgs). *Práticas Pedagógicas em Contextos de Inclusão: Situações de Sala de Aula*- Paco Editorial, 2015.

GLAT, R. & FERREIRA, J. R; OLIVEIRA, E. da S. G. & SENNA, L. A. G. *Panorama Nacional da Educação Inclusiva no Brasil. Relatório de consultoria técnica*, Banco Mundial, 2003.

GLAT, R.; FERNANDES, E. M. Da educação segregada à educação inclusiva: uma breve reflexão sobre os paradigmas educacionais no contexto da educação especial brasileira. *Inclusão, Revista da Educação Especial*, Brasília, v. 1, n. 1, p. 35-39, out. 2005.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. 1a . ed. São Paulo: EPU, 1986.

MANA MENDES BIASOLI ALVES, Zélia; HELENA G. F. DIAS DA SILVA, Maria. **Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-863X1992000200007&script=sci_arttext>. Acesso em: 15 maio 2018.

MANTOAN. Maria Teresa Eglér *Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?* — São Paulo: Moderna, 2003. — (Coleção cotidiano escolar)